

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
BACHARRELADO EM ANTROPOLOGIA**

MARCIEL OLIVEIRA MELLO

**O GRAFISMO INDÍGENA DO POVO MARUBO DE ATALAIA DO
NORTE- AM: A arte e cosmologia marcadas no corpo.**

Benjamin Constant
2021

MARCIEL OLIVEIRA MELLO

**O GRAFISMO INDÍGENA DO POVO MARUBO DE ATALAIA DO
NORTE- AM: A arte e cosmologia marcadas no corpo.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final à
obtenção do grau de Bacharelado em
antropologia pelo Instituto de Natureza e
Cultura - INC/UFAM/BC.

Orientador (a): Professora Nilvania Mirelly Amorim de Barros

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M527g	<p>Mello, Marciel Oliveira O grafismo indígena do povo Marubo de Atalaia do Norte - AM : A arte e cosmologia marcadas no corpo / Marciel Oliveira Mello . 2021 44 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Nilvania Mirelly Amorim de Barros TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Grafismo. 2. Indígenas. 3. Percepções. 4. Marubo. 5. Movimento. I. Barros, Nilvania Mirelly Amorim de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	---

MARCIEL OLIVEIRA MELLO

**O GRAFISMO INDÍGENA DO POVO MARUBO DE ATALAIA DO
NORTE- AM: A arte e cosmologia marcadas no corpo.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito final à
obtenção do grau de Bacharelado em
Antropologia pelo Instituto de Natureza e
Cultura – INC/UFAM/BC.

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a Nilvania Mirelly Amorim de Barros
Instituto de Natureza e Cultura - INC/UFAM

Prof. Dr. Tharcísio Santiago Cruz
Instituto de Natureza e Cultura – INC/UFAM

Msc. Juliana Oliveira Silva
Museu Nacional - UFRJ

*Dedico este trabalho aos meus pais José
Márcio da Costa Mello e Edivana Oliveira de
Almeida.*

*A minha querida filha Hagnes Roberta Baima
Ulisses Paiva de Mello.*

Aos meus irmãos.

Aos meus amigos que me apoiaram.

*A cada professor que participou de minha
trajetória educacional e me incentivou nessa
conquista.*

*Aos indígenas da etnia Marubo do município de
Atalaia do Norte.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, por todas as bênçãos que me foram concedidas, mesmo aquelas que eu não entendia nos momentos que se apresentaram.

A toda a minha família, meus pais José Márcio da Costa Mello e Edivana Oliveira de Almeida pelo empenho na forma como criaram a mim e meus irmãos, sempre nos incentivando a estudar mostrando que a educação é o melhor caminho para o crescimento pessoal.

A todos os profissionais da educação por todos os ensinamentos que tive ao longo de minha trajetória acadêmica, compartilhando seus conhecimentos e valores de mundo.

A minha filha Hagnes Roberta Baima Ulisses Paiva de Mello, pois mesmo tão pequena tem me impulsionado a continuar lutando por dias melhores.

A minha namorada Kássia Haiden Garcia, por todas as vezes que me incentivou a persistir, sempre acreditando em meu potencial.

A minha Professora Orientadora Nilvania Mirelly Amorim de Barros, pelo incentivo, persistência e encorajamento.

Aos indígenas da etnia Marubo, principalmente aqueles que se dispuseram a contribuir com meu trabalho científico, em especial ao meu amigo Jocileno Estevão Marubo, que se dispôs a falar sobre sua cultura, apresentando-me a sua família e conhecidos.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente com minha formação pessoal e profissional.

Meus mais sinceros e profundos agradecimentos!

Toda estrutura de uma sociedade encontra-se incorporada na mais evasiva de todas as matérias: o ser "humano".

Bronislaw Malinowski

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata se de uma pesquisa realizada junto ao povo Marubo buscando ampliar o entendimento científico ao público acadêmico e o conhecimento cultural sobre a prática do grafismo, realizadas por grande parte dos povos indígenas, dentre eles o Povo Marubo. O grafismo é o ato de marcar o corpo com pinturas corporais, essas que são feitas em diferentes ocasiões, comumente praticada em rituais, dentre estes povos praticantes estão os Marubo que reside na cidade de Atalaia do Norte- AM, a partir da abordagem iconográfica é discutido o entendimento deste povo indígena sobre o conceito de arte e estética corporal, considerando as percepções dos indígenas praticantes do grafismo sobre suas realidades e vivencias. Para a realização deste trabalho de pesquisa, foi utilizada uma abordagem metodológica, que envolveu uma pesquisa de campo, realização de entrevistas previamente anunciadas e a análise Documental dos autores, que discutiram temáticas próximas a ideia central da pesquisa proposta. Com o método de pesquisa qualitativa, utilizando-se das técnicas de coleta de dados. Tornou se possível notar a existência de um movimento de representação cultural dos índios da etnia Marubo, com o grafismo, que é fortemente ligado a suas crenças e costumes.

Palavras – Chave: Grafismo. Indígenas. Percepções. Marubo. Movimento. Pinturas

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión del Curso es una investigación realizada con el pueblo Marubo que busca ampliar el conocimiento científico del público académico y el conocimiento cultural sobre la práctica de la gráfica, realizado por gran parte de los pueblos indígenas, entre ellos el Pueblo Marubo. El grafismo es el acto de marcar el cuerpo con pinturas corporales, las que se realizan en diferentes ocasiones, comúnmente practicadas en rituales, entre estas personas practicantes se encuentran los Marubo que residen en la ciudad de Atalaia do Norte-AM, desde el enfoque iconográfico se discute la comprensión de este pueblo indígena sobre el concepto de arte y estiramiento corporal, considerando las percepciones de los practicantes indígenas de la gráfica sobre sus realidades y vivencias. Para la realización de este trabajo de investigación se utilizó un enfoque metodológico, que involucró investigación de campo, entrevistas previamente anunciadas y análisis documental de los autores, quienes discutieron temas cercanos a la idea central de la investigación propuesta. Con el método de investigación cualitativa, utilizando técnicas de recolección de datos. Permitió advertir la existencia de un movimiento de representación cultural de los indios Marubo, con gráficos, que están fuertemente ligados a sus creencias y costumbres.

Palabras - Clave: Gráficos. Pueblos indígenas. Percepciones. Marubo. Movimiento. Pinturas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Foto aérea do Município de Atalaia do Norte.....	17
Figura 02 - Mapa das comunidades indígenas localizadas no Vale do Javari....	19
Figura 03 - Grafismo Kene Rasi.....	33
Figura 04 - Grafismo Yové Kene.....	34
Figura 05 - Grafismo Tama meã kene.....	34
Figura 06 - Grafismo ãsi tae kene.....	34
Figura 07 - Grafismo Veke kene.....	35
Figura 08 - Grafismo Shete voshká kene.....	35
Figura 09 - Grafismo Kara Mapo Kene.....	35
Figura 10 - Grafismo Mõti kene.....	36
Figura 11 - Realização de Pintura Peshko-kene em prática de campo.....	37
Figura 12 - Grafismo uma prática feminina.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O POVO MARUBO DO MUNICÍPIO DE ATALAIA DO NORTE.....	14
1.1 Relação com a temática: Rememorando as influências do Curso de Antropologia.....	14
1.2 Um breve histórico do município de Atalaia do Norte.....	16
1.3 Povo Marubo e sua localização.....	17
2 ARTE NA PERSPECTIVA DOS INDÍGENAS DA ETNIA MARUBO DO VALE DO JAVARI.....	21
2.1 O conceito de arte na visão de teóricos com relação a prática do grafismo.....	21
2.2 Concepção de arte na perspectiva dos indígenas Marubos.....	23
2.3 A cosmologia e as crenças marcadas na pele.....	24
3 O GRAFISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DO POVO MARUBO.....	28
3.1 A representação cultural por meio das pinturas corporais e seus significados.....	28
3.2 Os Kenes Marubo observações in loco	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Esta monografia se trata de um trabalho de pesquisa etnográfica, realizado com o povo da Etnia Marubo, que residem na cidade de Atalaia do Norte, aborda a temática da prática do grafismo indígena, buscando proporcionar um melhor entendimento sobre a representação cultural por meio do corpo, debates sobre o conceito de arte, e qual a relação do grafismo com a cosmologia e crenças do povo Marubo.

Com a realização da prática de campo e observação participante foram definidos alguns dos aspectos considerados relevantes na construção das conversações a respeito da temática que foi tratada, para tal, observou-se os significados, dando ênfase na construção de uma identidade étnica, estabelecendo as diferenças entre aldeia e a cidade.

Por conseguinte, houve a abordagem do conceito de arte e estética entre os indígenas praticantes do grafismo, compreendendo possíveis significados na utilização das pinturas no ponto de vista do nativo, tratando da utilização das pinturas corporais na construção dos indivíduos, e sua função na organização social do grupo.

Para compreender um pouco mais sobre essa temática, primeiramente foi necessário realizar pesquisas bibliográficas, essas foram responsáveis por direcionar o entendimento do que já foi tratado a respeito do assunto em questão, assim como, para Hernandez (2013, p.53) “Para entrar no tema é necessário conhecer estudos, pesquisas e trabalhos anteriores, principalmente se a pessoa não é especialista nesse tema. Conhecer o que foi dito a respeito de um tema” [...].

Partindo deste princípio, foi possível notar uma variedade de pesquisas e narrativas imagéticas realizadas por diversos autores com interesses similares, embora variados, esta pesquisa prioriza dar voz ao grupo residente da zona urbana, considerando suas crenças e suas realidades.

Utilizando-se de uma abordagem qualitativa, esta que possibilita um entendimento dos aspectos sociais, proporcionando uma compreensão específica de questões e movimentos culturais.

Entre todos os meios de pesquisa, a de campo, e o método da observação participante foram extremamente essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, pela necessidade de contato como o grupo e a prática a ser observada. Como afirma Vergara (2000, p. 47) “a pesquisa de campo é realizada no local onde ocorre ou

ocorreu determinado fenômeno, ou em um local que disponha de elementos para explicá-la”. Assim se deu o processo de pesquisa de campo que foi de extrema importância, pois foi este meio que proporcionou uma aproximação com os entrevistados e a prática a ser pesquisada, contando com cerca 8 participantes da etnia Marubo, sendo estes os que forneceram dados necessários para elaboração do trabalho de campo realizado no município de Atalaia do Norte – AM.

A monografia presente, encontra-se organizada em 3 capítulos, sendo o primeiro um levantamento histórico e informativo sobre a cidade de Atalaia do Norte, correlacionando e historicizando o povo Marubo, assim como a relação do pesquisador com a escolha da temática trabalhada.

O segundo capítulo coloca em discussão o conceito de Arte e estética corporal, na visão dos teóricos levando em consideração as narrativas coletadas, relacionadas a crenças e a cosmologia no discurso dos nativos sobre suas construções visuais, ou seja, as pinturas corporais.

O terceiro capítulo apresenta uma abordagem sobre a representação cultural por meio das pinturas corporais seus significados, e um demonstrativo visual coletado na prática de campo.

1 O POVO MARUBO DO MUNICÍPIO DE ATALAIA DO NORTE

Este capítulo trata da relação do pesquisador com a temática, correlacionando as influências adquiridas durante o curso de Antropologia, bem como as experiências vivenciadas a partir de um olhar antropológico para com o povo Marubo do Vale do Javari. Historicizando o município de Atalaia do Norte, com ênfase na trajetória histórica e localização geográfica do Povo Marubo. Considerando a produção das pinturas corporais, que caracteriza o perfil deste povo.

1.1 Relação com a temática: Rememorando as influências do Curso de Antropologia

A vivência e o contato constante com diferentes culturas e suas práticas sem um olhar preparado pode proporcionar uma impressão de falso conhecimento, quase como um senso comum adquirido no decorrer da vida, muitas vezes nos fazendo acreditar que se conhece a fundo o “outro” desta forma pouco se pode notar, o quão complexo um grupo humano e suas práticas culturais podem ser, como é o caso das realizadas pelos povos indígenas.

Conviver durante anos em meio a diferentes culturas, sem notar o quão diferente são, a princípio parece não ser possível, no entanto é uma realidade, e apenas por meio do exercício do distanciamento praticado na graduação em antropologia tornou-se possível notar, a existência do “outro” como protagonistas de suas histórias. Como já trabalhado por Laplantine que desenvolveu importantes contribuições para o conhecimento científico nas bases da formação do olhar Antropológico, em uma de suas obras informa:

Partir para o território do outro, dar espaço ao que não é familiar: esse é o primeiro passo para uma possível transformação do olhar, uma relativização de ponto de vista. A curiosidade do homem sobre si próprio sempre existiu, mas é a passagem do curioso, do exótico e do bizarro, para uma consciência da alteridade é que marca realmente o pensamento do homem sobre o homem. (LAPLANTINE, 1995:13)

Então, o ingresso na universidade foi fator fundamental para elucidar questões antes não compreendidas: acreditava que todos os índios pertenciam a uma mesma etnia; que falavam a mesma língua; que viviam sem leis e sem ordem. Toda essa visão estereotipada foi sendo reformulada ao longo dos anos acadêmicos.

Movido por uma óptica agora resultante de novas influências teóricas, deu-se início a escolha de uma área de pesquisa, entre muitas as possíveis temáticas e grupos indígenas, o grafismo corporal do povo Marubo, foi por muitas razões o mais oportuno.

Considerando também a oportunidade de tratar uma prática até agora pouco entendida pelos não índios, desta reforçando as lutas diárias vivenciadas por aqueles cujas crenças e costumes estão Marcadas na Pele, em ornamentos que enfeitam seus corpos e ao mesmo tempo, carregam discursos passados entre diferentes gerações. Quase como um esforço para se observar o mundo pelas lentes do outro, este trabalho busca tornar visível ao público o que a prática do grafismo exprime ou o que poucos veem, assim como dito por Ruth Benedict (1997, P.19) “As lentes de uma sociedade nunca são as mesmas de outra”. Sendo então estas lentes responsáveis por definir as diferenças culturais.

Embora diferentes em determinado momento, praticamente todas as culturas têm algo em comum, e neste caso, pode ser citado à prática do grafismo e as manifestações artísticas.

Assim como dito anteriormente, para se compreender diferentes costumes é necessário a realização do exercício do distanciamento, questionar noções que outrora passavam despercebidas.

Para tal, pareceu de maior importância, relacionar determinada manifestação cultural, ao conceito de Arte, assim tornou-se possível dialogar com uma concepção amplamente já discutida em suas multilinguagens por diversos autores.

De todas às práticas capazes de promover a representação cultural por meio da identidade, certamente o grafismo corporal, tem grande importância no fortalecimento cultural dos povos indígenas, estando presente em diversos grupos humanos espalhados ao redor do mundo, sendo notada desde as primeiras formações humanas até dos dias atuais. De acordo com Guidon (2000, P. 19).

Hoje sabe-se que os registros rupestres de toda a América são antigos e que a prática gráfica com aplicação de corantes nas paredes de abrigos e sobre afloramentos rochosos existe desde o pleistoceno final [...]No Brasil, as descobertas de novas regiões ricas em pinturas e gravuras rupestres multiplicaram-se nos últimos anos. Hoje, pode-se afirmar que na maior parte das regiões rochosas do Brasil e em particular na região Nordeste existem abrigos ou grutas que serviram de suporte para essas manifestações picturais, sobretudo onde houve condições de preservação.

Todavia nem todas as sociedades atribuem valores culturais aos seus grafismos, como por exemplo na sociedade ocidental, onde pouco se atribui valores a prática das tatuagens, sendo em muitas esferas sociais relacionada a ideia da marginalidade.

Tendo em vista a necessidade da realização de estudos e documentação destes movimentos culturais indígenas, diferentes pesquisadores se propõem a elaborar estudos a respeito desta temática, citando Velthem (2010, P.56). “É preciso reconhecer, entretanto, que os registros, os inventários e também a documentação de coleções etnográficas contribuem para o fortalecimento das comunidades indígenas”.

Diante do exposto das vivências locais e observações no decorrer da trajetória acadêmica, o pesquisador assume o compromisso de abordar esta temática existente na cultura do povo Marubo presente na cidade de Atalaia do Norte, considerando suas realidades costumes e narrativas. Considerando também que nesta cidade encontrasse a presença de várias etnias estabelecidas na sede do município.

1.2 Um breve histórico do município de Atalaia do Norte

Brasil um país de vasta extensão territorial, rico em diversidade cultural e étnica marcado pelo processo de miscigenação, iniciado nos anos de mil e quinhentos entre diferentes povos do mundo, sendo o primeiro relato de contato, apresentado por meio da carta de Pero Vaz de Caminha, de fato o brasileiro é resultado da miscigenação sendo também um país que abriga diversas etnias e povos tradicionais, grande parte localizada no Estado do Amazonas,

No interior do Estado do Amazonas encontra-se o município de Atalaia do Norte, situado na Região Norte do país, pertencente a mesorregião do Sudeste Amazonense e Microrregião do Alto Solimões, localizada a sudoeste de Manaus, distando cerca 1.136 km em linha reta, cidade conhecida por concentrar grande parte das terras indígenas do Vale do Javari, marcada pela presença de diversos grupos indígenas, entre eles os Marubo, Mayuruna (Matsés), Kulina, Matis, (Tukuná) Korubo, Kanamari e os Tsohom Dyapá, sendo os Marubos falantes da família linguística Pano mediano, os Kanamari e Tsohom Dyapá são falantes da família linguística Katukina e os demais da família linguística Pano.

Figura 1 - Foto aérea do Município de Atalaia do Norte.



Fonte: Blog Portal Atalaia, 2021.

Fundada em 1943, entretanto, só foi transformada em Município no ano de 1955 através da Lei Federal nº 096 de 19 de dezembro do mesmo ano, ocupa uma área de 76.435.093 km² representando 4,8% do Estado do Amazonas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cidade tem uma população estimada de 20.398 (2020) habitantes. Seu território limita-se com a cidade brasileira de Benjamim Constant, Ipixuna e Guajara. Também fazendo fronteira com Peru, este território tem como marco de fronteira o Rio Javari entre os dois países. De toda a área territorial de Atalaia do Norte, boa parte deste território é destinado a ocupação das sete etnias indígena existentes no Vale do Javari.

Devido à presença marcante de diferentes povos, ainda hoje grande parte das terras indígenas, permanecem isoladas, segundo dados que constam no IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a região do Javari, foi uma das últimas a serem exploradas. Entre esses habitantes pode ser mencionado a existência de um povo que é resultado da fusão de diversas seções e estruturas de clãs hoje conhecido como Marubo, que neste caso tratam-se dos interlocutores da pesquisa.

1.3 Povo Marubo e sua localização

A partir das diversas observações nota-se a existência de uma forte ligação das práticas ritualísticas com o universo cosmológico da etnia Marubo, podendo ser observado em simples histórias narrativas, que sustentam a origem da criação do povo Marubo. No mito da criação deste povo, conta que os mesmos surgiram do

chão, onde cada seção surgiu de um buraco diferente. Segundo Maya Marubo¹(34) sendo uma das contribuintes da pesquisa, informa que “o que motivou esse surgimento foram influências externas, também acontecimentos da natureza como o fenômeno da chuva, a mudanças do clima e sons na superfície.” A partir deste momento, no ambiente onde se encontravam abrigaram as margens dos rios, e desta forma surgiram os primeiros nativos. Essa afirmação vem sendo creditado por outros entrevistados da etnia Marubo.

O autor Pedro Cesarino em sua obra intitulada “Babel da Floresta, cidade dos Brancos? Os Marubos no trânsito entre dois mundos” (2008), definiu o contato com os Marubos em três diferentes vertentes, o primeiro em meados do século XIX que representa o período do ciclo da borracha onde um intenso movimento extrativista avançou no território, hoje conhecido como Vale do Javari, grupos peruanos e brasileiros em busca do caucho² e do Látex da seringueira, o que resultou em um afastamento de diversas seções³. A definição de contato realizado por ele é também defendida por pesquisadores do Instituto Socioambiental (2008).

A segunda fase é tomada pelo movimento de reorganização das diferentes seções, esse movimento de organização das seções contou com a influência de um homem chamado João Tuxaua que segundo relatos exercia grande poder de liderança entre os indígenas. Entre os Marubo acredita-se ele tinha o dom de profetizar acontecimentos como a morte de alguém, onde o que ele dizia acontecia, sendo esse o responsável por reorganizar as diferentes seções, e promover a pacificação entre os nativos do Vale do Javari e os não índios.

A terceira fase se deu pela necessidade em adquirir alguns dos produtos industrializados como utensílios de cozinha e produtos de metal, independente das três fases, ainda hoje pode ser encontrado narrativas de antigos moradores que vivenciaram a ocorrência de inúmeros conflitos responsáveis por dizimar uma quantidade expressiva de nativos. “O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) calcula que ao longo de cinco séculos cerca de 1.477 povos indígenas foram extintos em razão das muitas formas de ocupação do território brasileiro”. (COTRIM, p. 68, 2010).

¹ Atualmente funcionária da fundação nacional do índio – FUNAI.

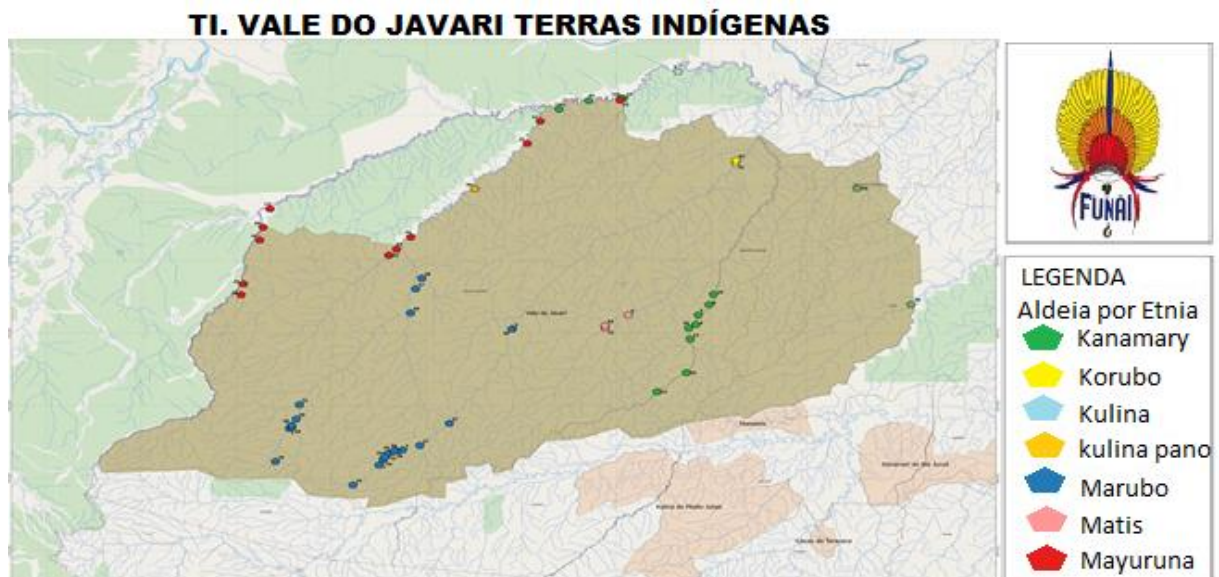
² Árvore que atinge mais de 35 metros nativa do Brasil, que se faz látex ou pasta de papel.

³ Grupos de indígenas da mesma etnia, mas separados por habitações.

Nos dias atuais uma pequena quantidade de indígenas do povo Marubo se encontram na Zona Urbana de Atalaia do Norte, outra se localiza dentro dos limites das terras indígenas Vale do Javari. Suas terras equivalem a 8.544,82 milhões de hectares, sendo então o segundo maior território indígena do Brasil. Território definido com a demarcação administrativa que ocorreu por meio do decreto de 30 de abril de 2001. Estima-se que na atualidade existam cerca de 4 mil indígenas dentre eles os povos Marubo, Korubo, Matis, Mayuruna, Kulina e Kanamari, entre outros.

Além dessa população de índios contatados, acreditasse que existam cerca de 20 outros grupos indígenas que permanecem isolados, podendo ser o território com maior concentração de índios isolados do Mundo.

Figura 02 – Mapa das comunidades indígenas localizadas no Vale do Javari



Fonte: FUNAI /ATN, 2021 edição Mello, 2021.

Para acessar as áreas indígenas existem duas maneiras, por via fluvial e aérea (helicóptero), no entanto a mais usada é por via fluvial, considerando ainda a possibilidade de adentrar a floresta em trilhas de longo percurso, o acesso pode levar vários dias em média para se chegar na aldeia mais distante, podendo atingir cerca de quinze dias em embarcações locais de pequeno ou médio porte (canoão⁴, motor rabudo 9hp etc.).

Para adentrar nas áreas indígenas é necessário solicitar uma permissão da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, instituição responsável por cuidar dos direitos

⁴ Substantivo masculino, aumentativo de canoa, referente a uma embarcação fluvial feita de madeira cujo intuito é transportar uma grande quantidade de pessoas ou materiais.

dos indígenas e da preservação da vida, podendo emitir autorizações de acesso as mais diversas aldeias do Vale do Javari e todo território brasileiro.

Comumente aqueles que transitam entre a sede municipal e as comunidades indígenas são os nativos que residem nas comunidades e/ou pertencem as específicas etnias, além dos profissionais de saúde que prestam serviços de rotatividade, a cada noventa dias retornando a sede do município sendo substituídos por outra equipe, permanecendo sempre alguém prestando auxílio médico nas aldeias e comunidades indígenas.

Nestas comunidades a rotina diária baseia-se nas distribuições dos afazeres que se dar de acordo com o gênero e idade de cada membro das aldeias, as mulheres por exemplo cuidam das crianças menores, preparam alimentos e produzem artesanatos como adornos corporais e, são elas que grafam as pinturas no corpo de cada membro.

O povo Marubo localiza-se nos cursos do Rio Alto e Médio Curuçá e Alto e Médio Ituí, dentro dos limites das terras indígenas do Vale do Javari, sendo eles uma das etnias que visivelmente mais produziram artifícios para se representar, tanto nas áreas do artesanato como na ornamentação do corpo utilizando os grafismos.

2 ARTE E ESTÉTICA NA PERSPECTIVA DOS INDÍGENAS DA ETNIA MARUBO DO VALE DO JAVARI

Este capítulo é dedicado a proporcionar uma reflexão sobre o conceito de Arte e o fenômeno das Artes indígenas, trabalhado por diferentes autores como algo que está presente em inúmeras culturas ao redor do mundo, a partir deste espera-se relacionar a prática do grafismo Marubo considerando os contextos em que são produzidos.

2.1 O conceito de arte na visão de teóricos com relação a prática do grafismo

A arte é produzida por todos os grupos humanos ao redor do mundo. Reúne gente de diferentes lugares em produções coletivas, atravessa fronteiras e alcança outras pessoas por meio de suas múltiplas linguagens. Além de caracterizar um povo e mostrar fatores históricos que só são possíveis por meio das manifestações artísticas da dança, da música, das pinturas e outros, se fazem necessário para definir diferentes culturas.

No entanto, o que realmente é arte? Os estudos no âmbito das pesquisas antropológicas apontam que nem sempre o que é para um indivíduo é para o outro, levando em consideração esse princípio é estabelecido que o conceito em questão é definido pelo público observador, e este mesmo é que o classifica como tal.

Em outras palavras, os povos indígenas não precisam da nossa definição de arte, nem da nossa teoria e história da arte, para embasar a sua produção artística; somos nós que, por alguma razão, precisamos incluir seus artefatos, canções, danças e pintura corporal, com seu alto grau de elaboração formal e seus significados culturais específicos, no nosso universo artístico. (NUNES. 2011 P.146)

Segundo Nunes apud cf. MELATTI (2011) “entre os povos indígenas inexistem uma esfera específica de objetos que possuem uma função exclusivamente estética, ou seja, existem apenas para serem contemplados”. Isso porque geralmente são estes mesmo objetos de contemplação que definem o conceito de arte como a sociedade entende.

Entretanto a prática do grafismo carrega consigo diferentes capacidades a princípio parece se constituir como um mecanismo de representação cultural, pois

quando observado por outros povos, define características únicas e originais de determinado grupo, ao mesmo tempo cada pintura é fonte de conhecimento endocultural, este conhecimento só se torna visível quando considerado as crenças dos praticantes.

Com base na noção da existência de afirmação proposta por Velthem (1994) de que a Arte é um “Veículo de expressão de identidade” se tornou possível direcionar as observações, para o entendimento do indivíduo sobre o que seria o movimento de produção das pinturas e o significado empregados na utilização. Sempre buscando compreender o contexto em que se dar e a dualidade da prática, ou seja, considerar como movimento entre as artes indígena com a capacidade de proporcionar representação cultural.

A busca por um entendimento sobre o que é e o que representa a prática das pinturas corporais entre os povos indígenas, remontaram discursões antes tratadas por outros autores como de natureza complicada, debates sobre o conceito de estética e sua aplicabilidade nesta temática, já foram por muitas vezes alvo de alguns pesquisadores, como na obra, “Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio” de Lagrou (2003), onde relaciona a ideia do conceito de “Agência” nas obras de Gell (1998).para pensar sobre a arte indígena.

Para Vidal (2000, P.17) “a arte funciona como meio de comunicação. Disso emana a força, a autenticidade e o valor a ela estética tribal”. Sendo as pinturas corporais indígenas um movimento aparentemente ligado a uma forma de linguagem visual da cultura do povo Marubo, apresenta-se questões como relacionar o movimento ao conceito de Arte, e compreender tudo que ele implica, sem desfavorecer a natureza desta prática. Isso porque como evidenciado por diversos antropólogos o conceito de Arte em algumas culturas ocidentais, não representam mais que algo com função de simples apreciação.

Se considerado o objeto de estudo como uma realização com o simples intuito de contemplação, pode-se de certa forma cometer o equívoco de não enxergar a riqueza da natureza dessa prática, que aparentemente se desenvolve do desejo de representação e mais a frente ganha destaque em uma incrível diversidade gráfica, abrangendo desde crenças a história do Povo Marubo como um todo.

No entanto, mesmo supostamente não havendo uma “esfera” cultural de contemplação dos objetos ditos esteticamente agradáveis na cultura dos povos indígena. Não se pode descaracterizar as produções indígenas, como não dotadas de

características belas de uma estética facilmente notada, com a capacidade de agradar aos olhos, características dos objetos artísticos, na concepção atual.

Dos diversos trabalhos etnográficos já realizados a respeito do conceito de arte, grafismo e sua importância na vida dos povos indígenas, certamente os posicionamentos de Maria Mirtes dos Santos Barros é de fato significativo para pesquisa.

Para compreender o papel social da arte é necessário observá-la "in loco", isto é, no cotidiano da comunidade e também nos períodos celebrativos, rituais, momentos privilegiados para a produção artística. Neles, há uma grande síntese entre grafismo, teatro, música, dança e discurso. Através da pintura, do canto, da dança, das narrativas míticas, tornam-se visíveis os diversos aspectos da organização social de um povo indígena. (1999, p.117).

Dito isto, a pesquisa e as indagações são direcionadas a busca por momentos em que o grafismo é praticado. Em resposta a esta questão em uma das entrevistas, foi informado que em cada festa e períodos comemorativos utilizam-se diferentes grafismos, e que estas festas acontecem em certos períodos da vida do povo Marubo, mais que algumas das pinturas podem ser feitas para utilização usual do dia a dia, na tentativa de compreender a prática do grafismo na vida do povo Marubo, é de suma importância trabalhar a concepção de realidade e as narrativas por eles contadas sendo então, um próximo ponto a ser observado.

2.2 Concepção de arte na perspectiva dos indígenas Marubo

Dando voz aos que melhor podem descrever esta prática e o que ela carrega, até agora tratada sob a óptica do estrangeiro, tornou-se necessário apresentar questões, a respeito do entendimento do que é Arte e qual a relação das criações materiais e iconográficas para o povo Marubo com às práticas artísticas dos não índios, para um grupo de entrevistados, como resultado da prática de campo e abordagem representativa, uma série de respostas surgiram, como podem ser observadas a seguir.

Em uma das entrevistas ocorrida em outubro de 2019, um dos contribuintes da pesquisa chamado de Everton Marubo, respondendo as indagações apresentas

informou: - “No que eu entendo existe uma grande diferença, entre as nossas práticas de grafismo e às práticas dos brancos, nossas pinturas significam diferentes coisas servindo até para ensinar e ver as seções, é diferente das tatuagens, porque nossas pinturas têm um sentido”.

Neste ponto o entrevistado exprime uma ideia a respeito das diferenças encontradas nas culturas, demonstrando seu entendimento sobre a prática estudada. Quando direcionada a mesma pergunta a outro entrevistado da mesma etnia, foi dada a seguinte resposta: - “A arte é uma forma do ser humano expressar nossas emoções, nossa história e nossa cultura, através de valores como a beleza, harmonia, equilíbrio, também pode ser representada através de várias formas, na música, pinturas e na dança. Para mim é uma prática que todos já nasceram sabendo, quase como um dom, desde seu surgimento, já sabíamos como fazer as fechas, cestos, pentes de pena, nesta época como não matavam animais, os Marubos pegavam apenas pássaros, e usavam suas penas para fazer seus enfeites. Para mim às pinturas não são feitas de qualquer forma, tem todos os momentos para preparação”.

O entrevistado também afirmou que cada pintura é utilizada para uma determinada ocasião, geralmente a festa que mais utilizam é a *wakayá* essa festa envolve todas as comunidades sendo uma festa tradicional, sempre seguindo as regras, a *Vina-atxia*, é uma festa que é feita quando os Marubos querem fazer alguma caça nesse ritual pegam uma casa de caba que é guardada e várias pessoas, podem participar do ritual de ferradas, as mulheres utilizam comumente a pintura - *Ãsi tae kene* produzidas a partir de tintas de urucum ou jenipapo, sempre usando seus adornos, na prática ritualística.

Para Maya Marubo moradora da cidade de Atalaia do Norte considera que o grafismo Marubo representa sinônimo de sabedoria e em suas palavras: - “cada pintura tem suas histórias de criação, tem seus significados e a regra de uso de cada uma. Como exemplo nas festas têm uma pintura, nas lutas do dia a dia do movimento indígena ou guerra é outra pintura elas devem ser realizadas nos rituais de festas culturais porque para nós é um embelezamento da cerimônia”.

2.3 A cosmologia e as crenças marcadas na pele

A partir deste ponto para suprir a necessidade de narrativas significativas, sobre as crenças por traz das pinturas corporais, as abordagens nas entrevistas foram

direcionadas a coleta de dados, relatos e histórias contadas entre os familiares da etnia pesquisada.

Das diversas visitas as casas onde residiam os grupos que se disponibilizaram em colaborar, algumas delas em certas rodas de conversas possibilitaram coletar informações superficiais sobre os devidos significados e do que se tratava cada pintura, talvez por falta de intimidade com os residentes pouco mais que nomes foram percebidos, e também porque o trabalho etnográfico requer tempo para construção de confiança e possibilidade de traduções culturais, sendo um método de trabalho artesanal. Somente a partir do diálogo acontecido com um entrevistado de maior proximidade, é que foram adquiridas informações específicas das pinturas. Tais como: significação ritualística, a possível origem da prática, e as crenças de natureza Míticas.

Considera-se aqui que todo Mito e crença vêm de algum lugar, seja ele resultado de observações do mundo natural, ou criada em meio a narrativas imaginárias que se propõem a estabelecer certas origens, e podem ser passadas entre diferentes gerações. No decorrer da busca pela compreensão do grafismo, uma questão vem à tona, como esta prática teve início?

Buscando estabelecer um possível início, notou-se a existência de uma série de narrativas que se propõem a explicar diferentes áreas da cultura do Povo Marubo, a princípio o Mito agora trabalhado se chama, a árvore TAMA⁵, relatado por um dos entrevistados chamado Jocileno Estevão Marubo, este sendo o mesmo responsável por elucidar a falta de informação. Neste mito acredita-se que no início haviam seis irmãs, essas que eram as primeiras artistas, na narrativa essas artistas foram instruídas pela árvore *Tama* a pintar seus lados, então elas assim fizeram, as pinturas feitas no lado onde incidia luz do sol, são conhecidas como *Yove Kene* e segundo ele são essas pinturas as responsáveis por atrair coisas boas como sabedoria, e as pinturas que ficaram do lado escuro, sendo oposto são chamadas de *Vey Kene*, essas são as que supostamente não se deve pintar-se, Esta árvore no entendimento do entrevistado representa a figura de um homem que é irmão das artistas, estas artistas inicialmente realizaram as pinturas com o Jenipapo⁶ e só mais à frente teriam espalhado o conhecimento com outros grupos da mesma etnia. O mito que representa o início das práticas das pinturas corporais, já foi trabalhado por outros autores da

⁵ Árvore

⁶ Fruto jenipapo

etnologia Marubo, a exemplo do artigo realizado por Raimunda Enes de Oliveira que realizou um registro sobre o grafismo conhecido como *Kene* entre os povos falantes da família linguística pano, aonde apresenta um empenho, registrando mitos conhecidos entre o povo Marubo, e reforçando os conhecimentos

Evidenciando agora o discurso de que o grafismo como forma de arte configura diferentes categorias sociais apresentado por Marilena Chauí *apud* Maquet (1979, P.87) “através da arte são transmitidas referências sobre a vida em sociedade: sexo, a idade, o grau de parentesco, a afiliação clânica, a metade exôgâmica de seus membros e também noções acerca do mundo não social”.

Após o trabalho de identificação do grafismo, notou-se que algumas pinturas na cultura do povo Marubo tem uma certa restrição de idade e sexo, algumas sendo permitidas apenas a utilização por Mulheres e crianças, como exemplo a pintura ***Kene Rasi***, onde supostamente os homens que a utilizarem podem perder seus conhecimentos, ocasionalmente se perderem na floresta.

Essas crenças são tão marcantes na vida do povo Marubo que definem até práticas como o casamento, assim como foi observado na prática de campo.

Desde cedo as filhas são ensinadas a se pintar, e com o passar dos anos elas atingem um certo nível de coordenação motora e técnica sendo capazes de repetir as figuras com todos os detalhes característicos, muito embora as pinturas quando observadas sendo produzidas aparentam ser relativamente fácil de se elaborar, na realidade apresentam formas, que dificilmente alguém sem o devido conhecimento e técnica realizaria. Sendo então tarefa de grande importância na vida das moças da etnia.

Para Jocileno Estevão Marubo sendo um dos contribuintes da pesquisa “A família do *Vene*⁷ (marido) normalmente preferem aquelas mulheres que detém o conhecimento das práticas de pinturas e elaboração de adornos”.

Foi informado também a existência de pinturas feitas no rosto, com riscos e pontilhados que, no entanto, estas são realmente tatuagens. Mais que já desapareceu entre os Marubos, embora seja vista no povo Matis, essas tatuagens faciais, representariam o reconhecimento após a morte, dos familiares.

Trabalhando a ideia das crenças sobre as Pinturas, em uma das abordagens da entrevista, uma ideia surgiu, a da utilização das pinturas como sendo mecanismos

⁷ Palavra marido na língua Marubo

de defesa, vinculadas a crenças deste povo, as pinturas **Vey kene** sendo as que ficaram do lado escuro da árvore conhecida com *TAMA*, são as que supostamente teriam a capacidade de fazer mal a alguém, quando apresentado o pensamento do mecanismo de defesa cultural, um dos entrevistados este relatou que na época dos conflitos, essas pinturas eram usadas por mulheres que eram raptadas e para vingar a morte de seus familiares, elas as produziam em grande escala sob cestarias, nas paredes e nos corpos de seus raptadores, ainda segundo ele esses tipos de conflitos aconteceram muito entre os Marubos e Mayrunas. As mulheres que voltaram depois de alguns anos relataram que as pinturas realmente tinham o poder e funcionavam, onde alguns dos raptadores sofreriam sendo atacados por onças, cobras ou perdiam-se nas matas.

A Narrativa acima deixa claro a ligação das pinturas com as crenças do povo Marubo, onde as mulheres que foram raptadas não criaram as pinturas Vey Kene elas evidenciaram suas crenças na prática.

3 O GRAFISMO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DO POVO MARUBO

Este capítulo trata de aprofundar o conhecimento sobre o grafismo do povo Marubo conhecido entre os falantes da língua pano como *Kene* e sua capacidade de incentivar a representação cultural dos indivíduos e famílias, por meio da utilização das pinturas no corpo, como forma de demonstrativo de autenticidade étnica. Sendo visível comumente nas lutas por direitos fundamentais e a preservação de suas características e a cultura representada por eles.

3.1 Representação cultural por meio das pinturas corporais e seus significados

A premissa de que as pinturas corporais fornecem uma representação cultural para os povos indígenas, abre margem para uma questão, como elas exercem essa representação e quais seus significados? Os questionamentos sem dúvida são a base para a realização de qualquer estudo, sempre ligados aos por quês, quando e como, costuma-se surgir grande parte das respostas, essas que são as responsáveis por definir o que de fato entendemos, assim como, as experiências vivenciadas, também são fontes conhecimento numa dinâmica de interação que leva a compreender certos fenômenos sem ter sido levantadas questões sobre eles anteriormente.

Muito se falou sobre as pinturas desta etnia, mas para o povo Marubo qual a importância da realização desta prática no contexto cultural? No decorrer da realização da pesquisa de campo ocorrida com mais intensidade principalmente em julho de 2021, obtém-se a seguinte advinda da entrevistada Marcia Marubo sendo ela da etnia pesquisada responde: “As pinturas são as Marcas do Povo, pois elas diferenciam os clãs e famílias, essa diferença pode ser vista no rosto e no corpo, como forma de identidade”.

Ainda conforme as informações obtidas nas conversas em campo, notou se que dentro da cultura Marubo, existem diferentes tipos de figura de liderança com atribuições diversas, no caso dos responsáveis por engajamentos na lutas por direitos fundamentais sendo chamados de *Kakayá*⁸, esses líderes são os responsáveis por organizar os grupos, e procurar unir todas as famílias, eles tiveram

⁸ Figura de liderança indígena conforme pesquisado

seu posicionamento a partir do momento que notaram pouco envolvimento por parte do grupo nas discussões sobre os direitos dos povos indígenas.

O resultado do processo de fortalecimento da representação étnica foi a criação do CIJAVA, que no ano 2000 veio a se chamar UNIVAJA, Reis (2021).

Darcy Comapa e Clóvis Rufino, realizaram em Atalaia do Norte o I Encontro dos Povos Indígenas do Vale do Javari, com apoio da Pastoral Indigenista da Diocese do Alto Solimões, da OPAN e do CIMI, e assessorados por Silvio Cavuscens e pelo Padre Josinei Lyra. Resultado da articulação feita com lideranças dos povos Marubo, Matsés, Kanamari e Kulina, este encontro estabeleceu a criação do CIVAJA e constituiu uma Comissão Indígena do Vale do Javari, que teve Darci como coordenador e Clóvis como vice coordenador. Em 1992, foi realizada a I Assembleia dos Povos Indígenas do Vale do Javari, dando continuidade ao processo de articulação do movimento indígena na região, por meio de sua organização representativa – o CIVAJA.

Percebe-se então, que para os povos indígenas, a representação cultural praticada desta forma ganha muito mais visibilidade e contraste fora da aldeia, considerando a visibilidade dentro das esferas políticas, agora sendo facilmente notada nas cidades próximas a comunidades étnicas, sendo esta então, a razão pela qual o povo Marubo, busca representar seu grupo étnico fora da aldeia por meio da utilização de suas construções visuais.

No decorrer das entrevistas, o contribuinte Everton Marubo destaca se com desenvoltura ao tratar da temática, e como resultados das conversas o mesmo produz a seguinte afirmação:

“A questão do povo Marubo de buscar a representação da cultura usando as pinturas têm a ver com a construção do corpo, as mulheres têm no caso os enfeites, os homens também usam alguns, e para nós é significação da identidade, pois você se identifica pelos trajes que você tem, os Marubos se identifica através da utilização de pulseiras, enfeites na cabeça, braçadeiras, isso são trajes do povo Marubo, são utilizados tanto por homens quanto por mulheres, no entanto, as mulheres utilizam saias, e todo esses trabalhos são feitos por elas” (EVERTON MARUBO, 2019).

A partir do entendimento da relação que o povo Marubo contribuinte da pesquisa tem com as pinturas corporais na cidade de Atalaia do Norte, foi possível compreender mudanças ocorridas ao longo dos tempos, com o significado da utilização e perpetuação desta prática, uma das observações é a crescente

preocupação dos mais velhos, para inteirar os familiares residentes na cidade sobre a riqueza cultural de seus costumes. Cintando agora Pomian apud Berta G. Ribeiro (1994, p. 135) “Entre outras razões porque, como documentos materiais, inclusive iconográficos, exprimem a identidade de uma cultura. Como objetos úteis eles são consumidos. E como bens simbólicos são dotados de significado.

A autora articula a noção da existência de um significado empregado na utilização das pinturas e que de certa forma são documentos materiais, pois são criações que comprovam uma realidade sendo então meios pelo quais povos indígenas exprimem suas vivências proporcionando uma relação de semelhança entre diferentes indivíduos que por sua vez ocasionam na criação do sentimento de pertença a um determinado grupo, esta noção nos permite observar de forma mais ampla a complexidade desta prática, uma única pintura pode conter diferentes significados e ao mesmo tempo transmitir conhecimento histórico, social e cultural.

3.2 Os Kenes Marubo, realização e observações in loco

As visitas às casas dos indígenas nativos da etnia Marubo deu-se em busca de obter informações sobre a produção das pinturas corporais, quando direcionada a pesquisa a um dos presentes, pôde ser observado que são as mulheres as encarregadas por essa produção. Na busca de informações precisas segui com intuito de conhecer possíveis lugares, onde eram produzidas as pinturas, após algumas perguntas realizadas aos moradores próximos, foi possível obter informações da localização exata da senhora da etnia Marubo que produzia diversas pinturas. De fato, compreender a elaboração das mesmas foi o primeiro passo para ampliar um pouco mais, o entendimento sobre o referido assunto.

Na tentativa de obter respostas para fundamentar a pesquisa tentou-se contato com a interlocutora, que se apresentou como um verdadeiro desafio, pois a mesma, não compreendia a língua portuguesa e pouco entendia as expressões comunicativas, logo um de seus netos veio auxiliar e serviu como intermediário no processo comunicativo, se dispôs a traduzir suas falas e garantir um diálogo entre o pesquisador e a anciã. Com resultado da tradução foi informado pela senhora de 75 anos, de nome Tereza Mágico Cruz Marubo, além de realizar pinturas corporais, também produzia pequenos ornamentos, estas que são minúsculas peças que juntas e presas por uma linha formam um cordão.

Era notável a grande quantidade de adornos já produzidos por ela, e cada um mais elaborado que o outro, cerca de 50 peças prontas entre elas: saias feitas de algodão, cordões feitos de tucum e pedaços de coquinho silvestre denominado jarina.

O primeiro questionamento foi sobre a quantos anos ela praticava o grafismo? Rapidamente respondeu que ainda criança, pois muito cedo as meninas indígenas são ensinadas por suas mães e avós, mas que nos dias atuais, quase não se vê esta tradição entre as jovens indígenas residente na zona urbana do município de Atalaia do Norte. Contudo nas aldeias essa prática ainda continua a ser repassada de geração a geração.

No decorrer da conversa ela relatou que muitos dos ornamentos que lá se encontravam, já haviam sido criados há muitos anos, e que antigamente eram utilizados para comemorações e festejos na comunidade. Nestes festejos as mulheres pintavam e enfeitavam os indivíduos de seus clãs que seriam comparados aos outros.

Ao final da conversa a anciã informa que em outra rua não muito distante dali se encontrava uma moça que também produzia pinturas corporais.

Após encontrar a residência, os objetivos da pesquisa foram novamente apresentados, a interlocutora concordou em participar da entrevista, foi então perguntado sobre as pinturas e seus significados, ela então se prontificou a produzir alguns para a devida observação na prática, informou os devidos nomes de cada grafismo e fez, apresentou os significados diferentes.

Deste modo tornou-se possível perceber que assim como os ornamentos exercem uma força sobre a construção de uma identidade cultural, as pinturas também o fazem, essa identidade pode ser observada de certa forma nas narrativas por traz dos grafismos a exemplo da pintura *Mōti kene* ao que parece é utilizada como uma forma de iniciação para aqueles que buscam aprender e se tornar curandeiros adquirindo os conhecimentos dos pajés.

Todo o processo da pesquisa com entrevistas semiestruturadas e a prática de campo proporcionaram a observação da existência de uma força de expressão, que demonstra uma realidade pouco conhecida por não indígenas, mesmo aqueles que vivem próximos ou no mesmo município da população indígena, como o caso deste antropólogo em formação, quando observada pela óptica de quem a vivencia reconfigura discursos que buscam dar voz ao reconhecimento dos direitos dos povos indígenas.

Para enfatizar um pouco mais segue-se alguns exemplos do grafismo Marubo citados e observados na prática de campo, pinturas corporais caracterizadas por formações de linhas diversificadas, seguindo uma simbologia única que de acordo com os discursos coletados nas entrevistas certamente evidenciam narrativas contadas sobre formas de pinturas realizadas apenas por indivíduos do sexo feminino, com padrões geométricos exatos.

Quadro 01 – Grafismo Marubo

GRAFISMO MARUBO	
<i>Kene ras</i> ⁹	“A tintura <i>sevi kenero</i> tem dois formatos e são pintura que só as mulheres e as crianças podem usar. Os homens jamais podem fazer esta tintura, porque pode perder o conhecimento e se perder no mato”.
<i>Yové kene</i> ¹⁰	<i>Yové Kene</i> é uma pintura essencial para os homens, ela serve para trazer sabedoria aos homens principalmente para os pajés e curandeiros.
<i>Tama meã kene</i> ¹¹	A tintura <i>tama meã kene</i> é usada tanto por homens como por mulheres. Acredita-se que traz sorte e força.
<i>Ãsi tae kene</i> ¹²	<i>Ãsi tae kene</i> surgiu por meio de pajés, só as mulheres podem pintar-se, usam as pinturas para expressar felicidade nas festas e cerimoniais.
<i>Veke kene</i> ¹³	<i>Veke kene</i> é uma pintura antiga que às mulheres da nação <i>tama osho</i> aprenderam usando o tronco de uma árvore chamada <i>Tama</i> . As mulheres podem pintar o rosto e os homens podem pintar o peito em situações diversas
<i>Shete voshká kene</i> ¹⁴	“Pintura <i>Shete voshká kene</i> é uma pintura usada para causar mau sorte a quem usar, não pode ser pintada na pele, pinturas em paredes ou em objetos, porque quem usa fica azarado”.
<i>kara mapo kene</i> ¹⁵	A história conta que um jovem chamado <i>Ino wirene</i> acabou com a nação <i>rovonawavo</i> através dessas pinturas por causa de uma jovem chamada <i>Iskõpeko</i> .
<i>Mõti kene</i> Pintura do Tabaco	<i>Mõti Kene</i> é uma pintura específica para os homens em especial quando esse está passando por período de formação para se tornar curandeiro, devido seu poder em trazer sabedoria e inteligência

⁹ Pintura de Rolo

¹⁰ Pintura espiritual

¹¹ Pintura do galho da Tama

¹² Pintura do Pé de Mutum

¹³ Pintura para rosto

¹⁴ Pintura da cabeça do urubu

¹⁵ Pintura da maldição

Novamente as perguntas se tornam, essenciais para o entendimento de toda a complexidade desta prática, até que ponto, a pintura tem ligação com as crença e cosmologia? No que concerne a essa temática, o estudo sobre os significados das diferentes pinturas, apresenta um resultado promissor, considerando, as dificuldades para a compreensão do fenômeno cultural, arraigados a crenças e narrativas míticas, onde símbolos têm tal poder capaz de trazer Má sorte como apresentado na pintura denominada pelo povo Marubo de *Shete voshká kene* afirmando, ser capaz de impregnar a Má sorte em objetos e em quem a usar, podendo até mesmo retirar o conhecimento sobre como andar na floresta, assim fazendo com que quem a utilizar venha a se perder.

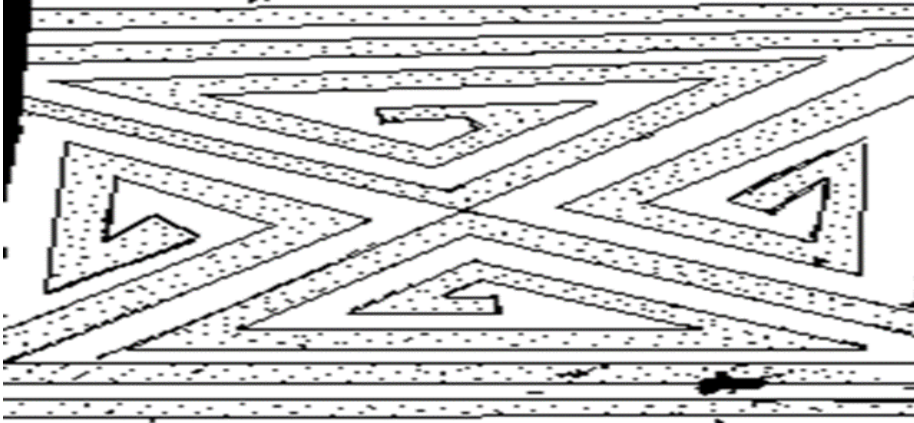
Em algumas outras pinturas a sabedoria e conhecimento, tanto para assuntos como curandeirismo, fertilidade, baseados no xamanismo, neste ponto a presentasse a pintura *Yové kene*, segundo o grupo entrevistado, sua função principal é a de trazer sabedoria aumentando o conhecimento dos líderes do grupo.

Figura 03 – Grafismo *Kene Rasi*



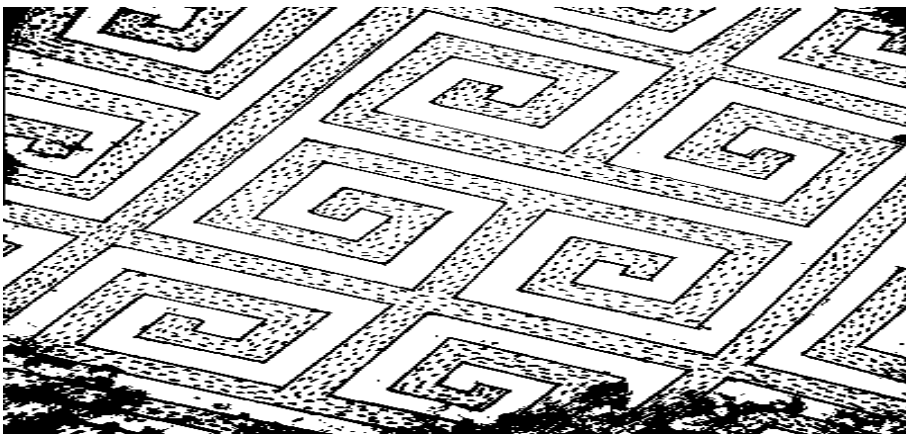
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 04 – Grafismo *Yové Kene*



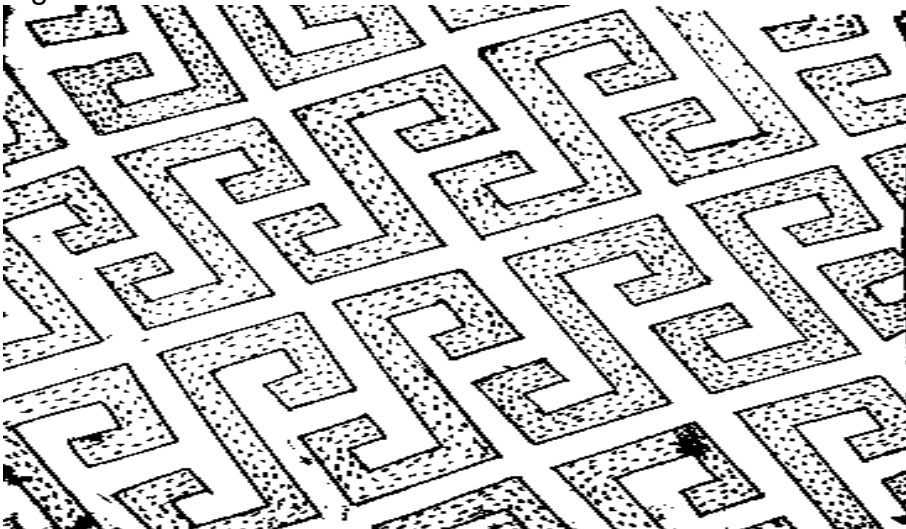
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 05 – Grafismo *Tama meã kene*



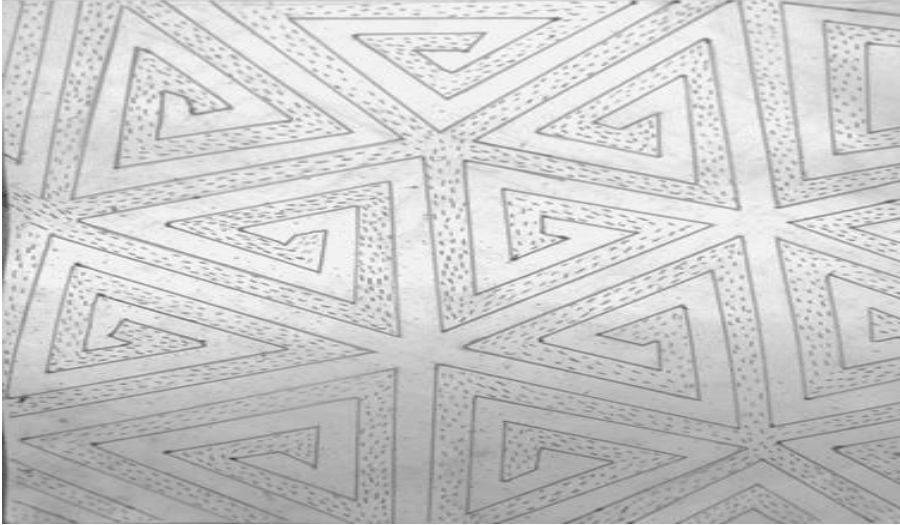
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 06 – Grafismo *Ãsi tae kene*



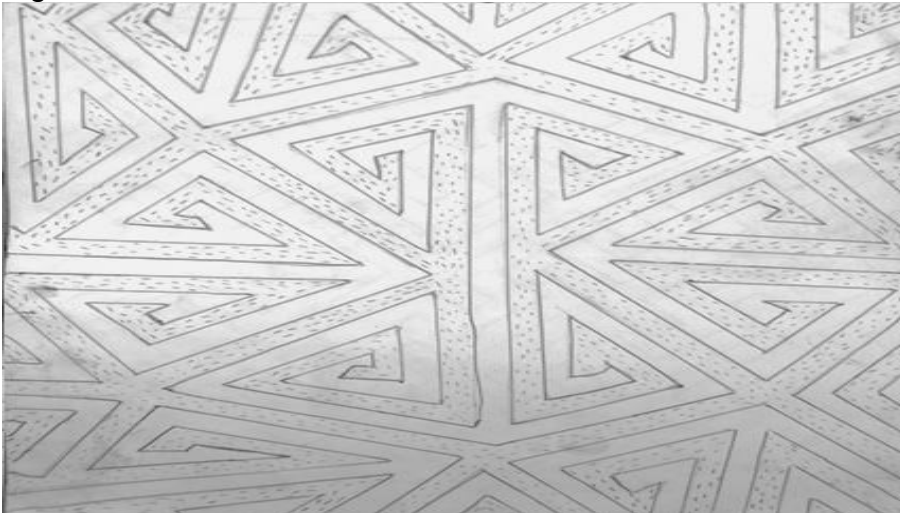
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 7 – Grafismo *Veke kene*



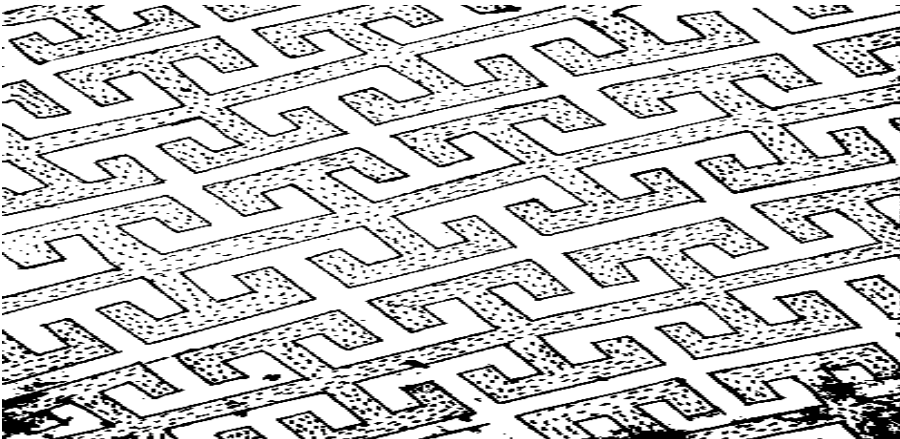
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 8 - Grafismo *Shete voshká kene*



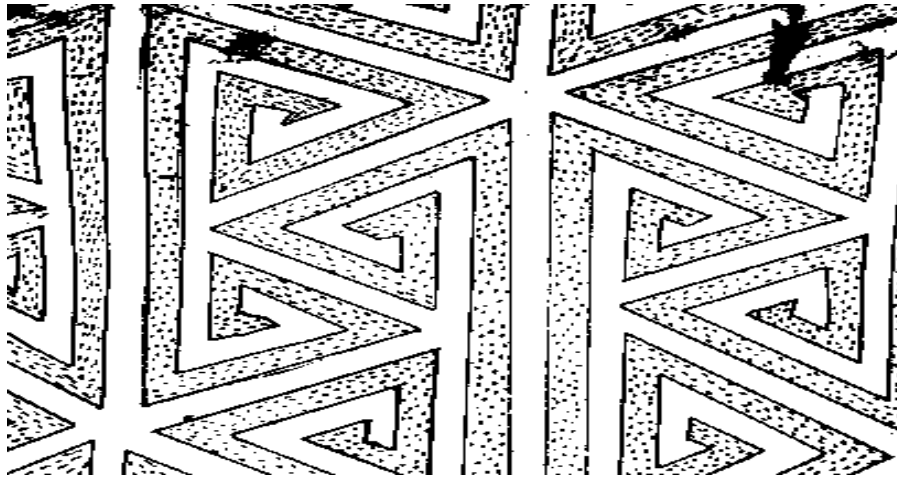
Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 9 – Grafismo *Kara Mapo Kene*



Fonte: Marciel Mello, 2021.

Figura 9 – Grafismo Mõti kene



Fonte: Marciel Mello, 2021.

Os grafismos representados acima são segundo Diana da Silva Brasil, moradora no município de Atalaia do Norte os mais conhecidos na etnia Marubo, no entanto, nem todos podem ser realizados, pois de acordo com as crenças do povo são causadores de má sorte. Para a realização dos mesmos se utilizou de papel A4 e caneta esferográfica de cor azul e vermelha, no entanto para uma melhor visibilidade, foi necessária edição por meio de computador para realce de detalhes.

O processo de realização das pinturas no corpo leva em média 20 a 30 minutos para ficar pronta, com padrões geométricos exatos, feita com uma resina de jenipapo e uma mistura feita com carvão, na aplicação apresenta um líquido transparente que depois de determinado tempo atinge uma cor preta azulada, capaz de pigmentar a pele deixando marcado por vários dias, geralmente indígenas do sexo masculino realizam as pinturas apenas no tórax, já as mulheres fazem pelo corpo todo.

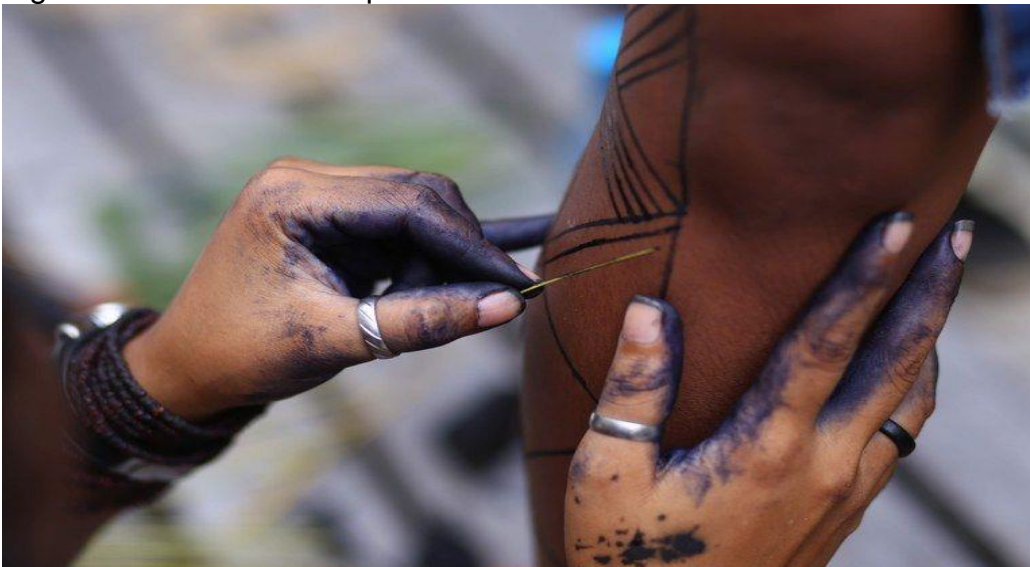
Todas elas têm nomes específicos na língua do Povo Marubo, alguns relacionados a animais ou a plantas, com simbologias e significados diversos, no caso da apresentada a seguir se chama: *Peshko-kene* e segundo pensamento popular serve para que jovens e crianças cresçam bem e saudáveis.

Figura 10¹⁶: Pintura Peshko-kene da etnia marubo.



Fonte: Marciel Mello, 2019.

Figura 11: Grafismo uma prática feminina.



Fonte: Blog conhecimentocientifico.r7.com, 2021.

As pinturas representam muito mais do que uma manifestação da estética, elas além de expressar e transmitir o conhecimento do povo, ou uma nação, também carregam simbologias, valores e identidades culturais, dando características a eles. Além do mais, as marcas de cada povo são diferentes, cada uma leva autenticidade

¹⁶ A figura 10 corresponde a pintura produzida no braço do pesquisador durante a prática de campo.

e a força da sua etnia. Os grafismos são feitos de acordo com o gênero, a idade, a função na família, em diferentes acontecimentos da vida do nativo como em rituais, cerimônias e conflitos com outros povos.

A partir das observações do processo de elaboração das pinturas junto ao grupo pesquisado, e da observação participante ocorrida, foi possível perceber a existência de cerca de 13 pinturas distintas sendo estas as mais praticadas, embora a entrevistada tenha informado conhecer 32 tipos diferentes tendo também informado ter a capacidade de grafar todas a partir das memórias adquiridas ao longo da vida, sem a necessidade de recorrer a recursos visuais como fotos ou algum tipo de catálogo demonstrativo, todas com padrões de criação diferentes e realizadas com a utilização de traços e pequenos pontos, bem elaborados.

Após o trabalho de registro das pinturas, estas foram apresentadas em outras rodas de conversa, sendo então reconhecidas e explicadas por diferentes contribuintes, alguns deles até mesmo solicitaram cópias do material visual já coletado. Neste ponto muito das perguntas que motivaram pesquisador em formação a adentrar na temática, são sanadas e reconhecendo também, que o certo nível compreensão não seria possível se não pela utilização do olhar antropológico, praticado constantemente na graduação em Antropologia.

Nota-se então a função principal do grafismo seja a de distinguir indivíduos e épocas ritualísticas, tendo o papel de contar histórias e mitos além de caracterizar o indivíduo praticante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionar a importância das produções materiais foi de grande relevância, pois a partir deste ponto se tornou possível perceber que de fato, as produções destes povos têm profundo significado nas relações sociais no grupo, uma autora que discute as formas de arte é Maria Mirtes dos Santos BARROS (1999, p.124) que produziu estudos sobre a Arte Krikate, segundo ela.

A pintura corporal é um item que também faz parte do cotidiano, mas durante os rituais se reveste de maior importância. Ela apresenta um grau de complexidade não apenas no que concerne ao tema e à forma, mas também ao uso. Sabemos que a pintura sobre o corpo está presente em quase todas as sociedades indígenas brasileiras e que ela, a exemplo do que ocorre com os artefatos, também tem seus aspectos particulares. Assim, embora os pigmentos sejam os mesmos, as pinturas variam na forma. Contudo, devemos considerar alguns pontos da pintura corporal que lhe são próprios: existe uma pintura de uso cotidiano e existe uma outra destinada às festas. Essas últimas estão direcionadas aos ritos, principalmente os de iniciação.

Mesmo que seja notável que cada pintura carregue consigo significados e funções que são compreendidos pelos indivíduos pertencentes ao grupo, para o estrangeiro não conhecedor se apresentam como meros enfeites corporais, a partir deste ponto o estudo sobre o significado do movimento é essencial pois proporciona um certo nível de entendimento, mesmo que pelo ponto de vista do nativo, a estrutura social por traz desta prática.

A elaboração das entrevistas proporcionou a oportunidade de coletar importantes relatos sobre o cotidiano e quais as noções do mundo social, tanto quanto a percepção de realidade do povo pesquisado, na busca de sanar os questionamentos que levaram ao início da pesquisa, em certos momentos foi possível notar indivíduos que ao que parece, mesmo antes da pesquisa já produziam profundas reflexões sobre suas práticas culturais, demonstrando um aparente vínculo com a busca deste povo por representação étnica e um certo grau de conhecimento sobre as histórias e crenças, que como já foi tratado são transmitidas como uma linguagem visual entre diferentes gerações, desta forma garantindo a perpetuação das práticas.

Uma das motivações responsáveis pelo adentramento nos estudos sobre o grafismo corporal do povo Marubo e conceito de arte, foi a possibilidade de apresentar em cunho social a complexidade das criações Materiais e culturais, essas que carregam profundo valor simbólico, produzidos pelas sociedades indígenas, de tal

importância que envolve lutas por direitos fundamentais e representação étnica passados por diversas gerações e que só podem ser notados partindo de uma tentativa da relativização do olhar.

O campo de pesquisa trabalhado, apresenta uma vasta produção científica já produzida, sendo realizada ano após ano por diferentes autores, muitos na busca de entender e ampliar o conhecimento a respeito das práticas culturais indígenas. Compreende-se que até o momento existem barreiras sociais que possivelmente impossibilitam o acesso a uma informação ampla, podemos citar as narrativas e crenças que apenas os familiares mais próximos têm a oportunidade de conhecer, e apenas uma experiência de imersão cultural e um tempo mais extenso e permanente de pesquisa, possivelmente traria um nível de entendimento amplo sobre a realidade do povo Marubo.

Devido a evidente distância social entre pesquisador e os interlocutores da pesquisa procurou-se construir um catálogo para identificar as pinturas observadas na prática de campo, e a ouvir os discursos e relatos, no intuito de organizar considerações que respondessem os questionamentos da pesquisa.

Sendo este trabalho fruto de um esforço de relativização do olhar, é essencial compreender o que foi apresentado pelos indígenas contribuintes da pesquisa, agora nota-se que o objeto “belo” com função de admiração está em realidade presente na concepção cultural do povo Marubo residente na cidade de Atalaia do Norte, isso porque como observado na fala de Maya Marubo, se referindo a pintura. “elas devem ser realizadas nos rituais de festas culturais porque para nós é um embelezamento da cerimônia”.

Em resposta às indagações foi possível concluir que a prática estudada representa parte importante da vida e sociedade desta cultura, por meio dela contam-se narrativas e crenças, diferenciam os grupos e famílias, e exerce uma forma de representação étnica visual

A permanência tem relação com os papéis sociais da organização, as mulheres são encarregadas de transmitir esse costume, que é passado entre diferentes gerações, mas que se não realizado, ocorre de ser ao longo do tempo ser deixado de lado, assim como evidenciado no discurso da senhora Tereza Mágico Cruz Marubo “quase não se vê esta tradição entre as jovens indígenas residente na zona urbana” mais que nos dias de hoje existe uma preocupação entre os mais velhos em fortalecer a cultura.

Este trabalho é relevante, para o entendimento do povo em questão na utilização das pinturas corporais, como possível base para novos pesquisadores e acadêmicos do curso de Antropologia, interessados na área da estética corporal indígena e noção do conceito de Arte, tratado sob a ótica do nativo em seu contexto.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Maria Mirtes dos Santos. **A Arte Krikate**. Caderno de campo, n.5, 1999 P.136
- BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a Espada**. São Paulo: Perspectiva. 1997
- CAVALCANTE, Ana Luisa B. Lustosa; ROSSATO, Jaqueline; PEREIRA, Francisco A. Fialho; PERASSI, Richard Luis de Souza Projética, Londrina, 2013, p. 13
- COLLADO, Maria Del Pilar Baptista Lucio; Tradução: Daisy vaz de Moraes;
- COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**, volume 2; 1. ed- São Paulo: Saraiva-2010
- GRUPIONI. Luís Donisete Benzi. **Índios no Brasil**: Ministério da Educação e do Desporto, ed-2 1994, disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br> acesso em: 13 de novembro
- https://portalamazonia.com/images/p/33751/b2ap3_medium_atalaia-do-norte-jpg_00285499_0_202101041922.jpeg data da pesquisa 14 de setembro de 2021.
- LAGROU, Elsje Maria. **Antropologia e Arte**: Uma relação de amor e ódio. P.113, acesso:13/11/2021 hora 23h51mim
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995
- LUX Vidal **Suma Etnológica Brasileira**. Handbook of South Ameri-1 v. can Indians 1963, p. 120
- CESARINO, P.N **Babel da floresta, cidades dos brancos? Os Marubo no trânsito entre dois mundos**. Novos Estudos, 2008, n. 86, p. 133-148
- NUNES, Fabricio. **As Artes Indígenas e a Definição da Arte**, Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, Embap, -2011
- REIS, Rodrigo Oliveira Braga. Panã, **O Espírito do Pássaro Falante e a Luta dos Povos Indígenas**. Acesso em: www.osbrasis.trgbr.com.br em 20 de setembro de 2021.
- SAMPIERI, Roberto Hernandez **Metodologia de Pesquisa**/ Carlos Fernandes revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Julio- 5.ed. porto Alegre: Penso, 2013.
- GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon, 1998.
- GUINDON, Anne-Marie Pessis e Niéde. **Grafismo indígena: estudo de antropologia estética**. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-histórica. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

<http://docplayer.com.br/11676612-Kene-marubo-raimunda-enes-de-oliveira-shapowa-raimunda-acre-gmail-com.html> acesso: 25 outubro 2021 as 23hrs.

VELTHEM, Lúcia Hussak Uan. **Arte Indígena Referentes Sociais e Cosmológicos**; Brasília, 1994,

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes Indígenas: Notas Sobre A Lógica Dos Corpos e dos Artefatos**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.56, 2010.

VIDAL, L. **Grafismo indígena: estudo de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DIRIGIDA AO OBJETO DE PESQUISA

1. Nome:
2. Idade:
3. Comunidade aldeia:
4. Qual sua etnia?
5. O que é a pratica do grafismo corporal?

6. O povo Marubo utiliza as pinturas na cidade?

7. Em que situações?

8. Qual é a faixa etária mais utilizada?

9. De quem é a responsabilidade de ensinar essa pratica, Homem? Ou Mulher?

10. Qual Material é utilizado para a produção?

11. Qual a população estimada, do Povo Marubo atualmente?

12. Quantas entidades ou ONGS de apoio oferecem algum tipo de assistência ao povo Marubo.?

13. Existe algum tipo de incentivo as práticas culturais em especial a pratica da pintura corporal.?
